

EMPREENDEDORISMO DE REFUGIADOS: PERSPECTIVAS PARA POLÍTICAS PÚBLICAS E INCLUSÃO PRODUTIVA NO BRASIL

Refugee Entrepreneurship: Perspectives for Public Policies and Productive Inclusion in Brazil

RICARDO NASCIMENTO FERREIRA
UNIGRANRIO

Comunicação:

O XIII SINGEP foi realizado em conjunto com a 13th Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge), em formato híbrido, com sede presencial na UNINOVE - Universidade Nove de Julho, no Brasil.

EMPREENDEDORISMO DE REFUGIADOS: PERSPECTIVAS PARA POLÍTICAS PÚBLICAS E INCLUSÃO PRODUTIVA NO BRASIL

Objetivo do estudo

Investigar como programas de capacitação profissional promovidos pelo CEFET/RJ contribuem para a inclusão produtiva e o fortalecimento do empreendedorismo entre refugiados no Brasil, identificando barreiras, estratégias adaptativas e impactos socioeconômicos.

Relevância/originalidade

O estudo aborda o empreendedorismo de refugiados como estratégia de integração social e econômica, tema ainda pouco explorado no Brasil. A originalidade está na combinação de análise narrativa com teorias da Resiliência e da Inclusão Econômica, a partir de experiências reais de

Metodologia/abordagem

Pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, baseada em análise narrativa e análise de conteúdo. Foram realizadas entrevistas com 20 refugiados de diferentes nacionalidades participantes de cursos de capacitação em produção de alimentos e empreendedorismo, complementadas por documentos institucionais e relatórios técnicos.

Principais resultados

As narrativas revelam que o empreendedorismo atua como meio de reconstrução identitária, geração de renda e integração sociocultural. Destacam-se barreiras institucionais, como reconhecimento de diplomas e acesso a crédito, e facilitadores como redes de apoio, formação técnica e acolhimento institucional.

Contribuições teóricas/metodológicas

Amplia a compreensão do empreendedorismo de refugiados ao integrar conceitos de resiliência, inclusão econômica, economia solidária e negócios de impacto. A abordagem narrativa permite captar dimensões subjetivas e contextuais, oferecendo categorias analíticas aplicáveis a outros estudos migratórios.

Contribuições sociais/para a gestão

Fornece subsídios para políticas públicas e práticas institucionais voltadas à inclusão produtiva de refugiados, sugerindo ações como ampliação do acesso a microcrédito, reconhecimento de competências, suporte psicossocial e promoção de feiras multiculturais e redes de consumo consciente.

Palavras-chave: empreendedorismo de refugiados, inclusão produtiva, resiliência, inclusão econômica, economia solidária

Refugee Entrepreneurship: Perspectives for Public Policies and Productive Inclusion in Brazil

Study purpose

To investigate how professional training programs promoted by CEFET/RJ contribute to the productive inclusion and strengthening of entrepreneurship among refugees in Brazil, identifying barriers, adaptive strategies, and socioeconomic impacts.

Relevance / originality

The study addresses refugee entrepreneurship as a strategy for social and economic integration, a topic still little explored in Brazil. Originality lies in combining narrative analysis with the theories of Resilience and Economic Inclusion, based on the real experiences of beneficiaries.

Methodology / approach

Qualitative, exploratory, and descriptive research, based on narrative analysis and content analysis. Interviews were conducted with 20 refugees of different nationalities participating in training courses in food production and entrepreneurship, complemented by institutional documents and technical reports.

Main results

The narratives reveal that entrepreneurship acts as a means of identity reconstruction, income generation, and sociocultural integration. Institutional barriers stand out, such as the recognition of diplomas and access to credit, alongside facilitators such as support networks, technical training, and institutional reception.

Theoretical / methodological contributions

Expands the understanding of refugee entrepreneurship by integrating concepts of resilience, economic inclusion, solidarity economy, and impact businesses. The narrative approach captures subjective and contextual dimensions, offering analytical categories applicable to other migration studies.

Social / management contributions

Provides insights for public policies and institutional practices aimed at the productive inclusion of refugees, suggesting actions such as expanding access to microcredit, recognizing competencies, providing psychosocial support, and promoting multicultural fairs and conscious consumption networks.

Keywords: refugee entrepreneurship, productive inclusion, resilience, economic inclusion, solidarity economy

EMPREENDEDORISMO DE REFUGIADOS: PERSPECTIVAS

PARA POLÍTICAS PÚBLICAS E INCLUSÃO PRODUTIVA NO BRASIL

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Brasil tem se posicionado como um destino importante para pessoas obrigadas a deixar seus países de origem devido a conflitos armados, perseguições políticas, crises econômicas e instabilidades sociais. Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e do Ministério da Justiça e Segurança Pública indicam que, até o final de 2024, o Brasil abrigava aproximadamente 156.612 refugiados reconhecidos e registrou 68.159 novas solicitações de refúgio apenas naquele ano. As principais nacionalidades dos solicitantes foram venezuelanos, cubanos, angolanos, indianos e vietnamitas, refletindo a diversidade de fluxos migratórios que chegam ao país em busca de proteção e oportunidades. Ainda que o marco jurídico brasileiro seja relativamente favorável à integração dessas questões, na prática, há muitas barreiras significativas ao acesso à educação, à saúde e ao mercado de trabalho. Nesse cenário, o empreendedorismo surge como uma alternativa promissora de autonomia econômica e inclusão social. Apesar do interesse crescente pelo tema, ainda há pouca produção científica no Brasil que analise sistematicamente as trajetórias empreendedoras de refugiados e seu impacto socioeconômico. Muitos estudos internacionais destacam o papel transformador do empreendedorismo migrante, mas essa discussão permanece pouco explorada em contextos locais. Além disso, há escassez de pesquisas que incorporam programas institucionais de acolhimento e capacitação profissional desses indivíduos como fonte de análise. A lacuna identificada refere-se à insuficiência de pesquisas que abordem de forma integrada os obstáculos e as oportunidades vivenciadas por refugiados no processo de empreender no Brasil, especialmente considerando as especificidades culturais, jurídicas, econômicas e sociais que moldam suas trajetórias. Embora existam estudos sobre migração forçada e inclusão social, ainda são escassas as investigações que analisem o empreendedorismo de refugiados como estratégia estruturante de inserção socioeconômica, articulando aspectos como (i) a resiliência individual e coletiva, (ii) os modelos de apoio institucional e comunitário, (iii) os impactos de políticas públicas e barreiras legais e (iv) os níveis de sustentabilidade e crescimento dos empreendimentos no longo prazo.

Essas lacunas evidenciam a necessidade de estudos mais aprofundados e interdisciplinares, capazes de compreender o empreendedorismo não apenas como reação à exclusão, mas como um campo de agência, inovação e reconstrução identitária para populações em situação de deslocamento forçado. Para fundamentar esta análise, este artigo apoia-se em duas teorias complementares: a Teoria da Resiliência, segundo Ungar (2021), que explica como os indivíduos reconstroem suas trajetórias diante das adversidades; e a Teoria da Inclusão Econômica, desenvolvida pelo Banco Mundial (2023), que busca compreender as condições que permitem a participação efetiva de grupos vulneráveis nos processos produtivos. Essa teoria oferece uma base sólida para entender o empreendedorismo de refugiados não apenas como resposta adaptativa à exclusão social, mas também como mecanismo de fuga identitária e acesso a oportunidades produtivas.

A partir dessa problematização, este artigo busca responder à seguinte pergunta norteadora: Como o empreendedorismo pode atuar como mecanismo de inclusão socioeconômica e superação de

barreiras enfrentadas pelos refugiados no Brasil? Para responder a essa questão, utiliza-se como base empírica o conjunto de ações desenvolvidas pelo CEFET/RJ específicas ao acolhimento e qualificação profissional de refugiados, especialmente os cursos de capacitação em produção de alimentos e processos seletivos vagas específicas para remanescentes em cursos técnicos. Estas iniciativas, realizadas em parceria com o ACNUR, oferecem subsídios importantes para compreender como a formação técnica e o apoio institucional podem contribuir para o fortalecimento do empreendedorismo entre esse público. O presente artigo está estruturado em seis seções. Após esta introdução, apresenta-se o referencial teórico, que discute conceitos relacionados ao refúgio, migração e empreendedorismo. Em seguida, são descritos os elementos da metodologia utilizada na pesquisa. A quarta seção traz os resultados e discussão, com base na análise narrativa de dados secundários e revisão sistemática da literatura. A quinta seção apresenta as conclusões, destacando as principais descobertas e sugestões para pesquisas futuras e as referências bibliográficas utilizadas ao longo do texto.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O empreendedorismo, especialmente em contextos de vulnerabilidade e migração forçada, atua como instrumento de autonomia, identidade e reinserção socioeconômica para refugiados. Este estudo fundamenta-se na Teoria da Resiliência (Ungar, 2021), que explica a reconstrução de trajetórias diante de adversidades, e na Teoria da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023), que analisa as condições para a participação produtiva de grupos marginalizados. Essas abordagens permitem interpretar o empreendedorismo de refugiados como estratégia multidimensional que combina superação pessoal, adaptação cultural, geração de renda e contribuição ao desenvolvimento local, ressaltando o papel das políticas públicas, da educação profissional e do apoio institucional.

2.1. O Conceito de Refúgio e o Contexto Migratório no Brasil

De acordo com as diretrizes da Convenção de Genebra (1951), ratificada pelo Brasil, um refugiado é toda pessoa que, por medo de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social ou opinião política, encontra-se fora de seu país de origem e não pode ou não deseja retornar. No Brasil, esse conceito foi ampliado pela Lei nº 9.474/1997 e seu Decreto Regulamentador nº 8.945/2016, que também inclui entre os beneficiários aqueles que fogem de situações generalizadas de violência, conflitos armados ou graves perturbações da ordem pública. Essa abrangência mais ampla reflete o compromisso do país com uma visão humanitária e solidária em relação aos fluxos migratórios internacionais. Segundo os dados mais recentes do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e do Ministério da Justiça e Segurança Pública, até o final de 2024 o Brasil contabilizou um total de 156.612 refugiados reconhecidos. Apenas naquele ano, foram feitas 68.159 novas solicitações de refúgio — um aumento de 16,3% em relação a 2023 — e 13.632 pessoas obtiveram o reconhecimento oficial da condição de refugiado. As nacionalidades mais frequentes entre os solicitantes foram venezuelanos (39,8%), cubanos (32,7%), angolanos (5%), indianos (3,1%) e vietnamitas (2,8%). Em relação ao perfil demográfico, 59,1% dos solicitantes eram homens e 40,9% mulheres. Dentre as mulheres, destaca-se que 24,3% tinham menos de 15 anos, evidenciando a presença significativa de crianças e adolescentes entre os refugiados.

Apesar do marco legal brasileiro garantir o acesso à saúde, educação e ao trabalho para refugiados e solicitantes de refúgio, na prática, muitos enfrentam desafios para sua plena integração ao mercado de trabalho formal. Entre os principais obstáculos estão o desconhecimento do funcionamento do sistema brasileiro, as barreiras linguísticas, a discriminação e a falta de qualificação profissional reconhecida no Brasil. Diante desse cenário, o país tem promovido algumas iniciativas voltadas à acolhida e à inclusão social dessa população. Um exemplo é o Programa Brasileiro de Patrocínio Comunitário para Afegãos, lançado em 2024, que envolve organizações da sociedade civil no processo de recepção e apoio aos refugiados. Outro destaque é a Operação Acolhida, iniciada em 2018, que já viabilizou a interiorização de mais de 128 mil venezuelanos para diversas regiões do Brasil, buscando favorecer sua integração social e econômica. Ainda que o Brasil se destaque no cenário internacional por sua política de acolhida humanitária, os dados apontam para a necessidade de avanços concretos na superação das barreiras estruturais que limitam a inserção socioeconômica das pessoas refugiadas no país.

2.2. Empreendedorismo como Estratégia de Superação e Inclusão

O empreendedorismo tem se consolidado como uma importante ferramenta de transformação social e econômica, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidade e migração forçada. Segundo o relatório mais recente do *Global Entrepreneurship Monitor – GEM Brasil 2024*, o empreendedorismo é definido como “o processo intencional de criação de valor por meio da inovação, assumindo riscos calculados e mobilizando recursos para gerar novas soluções”. Essa definição adquire contornos ainda mais específicos quando aplicada à realidade de migrantes e refugiados, cujos desafios estruturais os impulsionam a buscar alternativas fora do mercado de trabalho formal.

No contexto do refúgio, o empreendedorismo é frequentemente motivado por fatores como a busca por autonomia financeira, exclusão do mercado formal, barreiras linguísticas e a ausência de redes de apoio institucional. Moretto et al. (2020) já destacavam que, diante da dificuldade de inserção no sistema econômico convencional, muitos refugiados recorrem ao empreendedorismo como meio de sobrevivência e reconstrução de suas identidades produtivas. Complementarmente, Riddle e Brinkerhoff (2022) propõem uma tipologia que permite compreender melhor os perfis e trajetórias desses empreendedores como o empreendedorismo de sobrevivência que caracteriza-se por iniciativas de subsistência imediata, voltadas à geração de renda básica, empreendedorismo de adaptação que visa a inserção e integração cultural e econômica no novo ambiente e empreendedorismo de crescimento que contempla estratégias voltadas à expansão, consolidação e sustentabilidade do negócio. Essa tipologia ajuda a mapear diferentes estágios de maturidade e intencionalidade no empreendedorismo de migrantes forçados, revelando a complexidade dos processos envolvidos.

2.3.A Teoria da Resiliência como Fundamento Teórico

A Teoria da Resiliência, revisitada por Ungar (2021), oferece um arcabouço teórico consistente para interpretar o empreendedorismo como resposta adaptativa diante de contextos de extrema adversidade. Para além de uma simples capacidade de resistência, a resiliência envolve a habilidade de reorganizar a trajetória de vida em meio à instabilidade, às perdas e à ruptura de vínculos identitários e sociais. Aplicada à realidade dos refugiados, essa teoria permite compreender o empreendedorismo não apenas como estratégia econômica, mas também como instrumento de

reconstrução simbólica, recuperação de autonomia e reinserção social. Empreender, nesse contexto, é um ato de ressignificação pessoal e coletiva, uma forma de transformar experiências de exclusão em oportunidades de pertencimento. Dados recentes do Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI-SP, 2024) e de organizações como o ACNUR e a OIM apontam que, em cidades como São Paulo, Boa Vista, Manaus e Curitiba, houve um crescimento expressivo na abertura de pequenos negócios liderados por refugiados, como restaurantes típicos, salões de beleza, serviços de costura, barbearias e vendas de alimentos. Esses empreendimentos, além de contribuírem para a economia local, representam práticas concretas de resiliência e inovação diante das adversidades do deslocamento forçado.

Em síntese, o empreendedorismo, quando articulado a uma perspectiva de resiliência, torna-se uma poderosa estratégia de superação de vulnerabilidades, de reconstrução de trajetórias e de promoção da inclusão social e econômica de populações refugiadas no Brasil.

2.4. A Teoria da Inclusão Econômica e o Papel do Empreendedorismo

A partir dessa perspectiva, a Teoria da Inclusão Econômica, desenvolvida pelo Banco Mundial (2023), oferece outro suporte teórico fundamental ao estudo. Segundo esta teoria, a inclusão econômica ocorre quando indivíduos e comunidades têm condições reais de participar dos processos produtivos, contribuem para o crescimento econômico e beneficiam-se dele de maneira equitativa.

No caso dos refugiados, muitas vezes excluídos do mercado formal de trabalho, o empreendedorismo surge como forma estratégica de inclusão econômica. Ele permite não apenas o acesso à renda e autonomia financeira, mas também a construção de redes sociais, reconhecimento profissional e participação ativa na vida comunitária. Autores como Marques e Oliveira (2023) destacam que as políticas públicas voltadas à capacitação profissional, o microcrédito produtivo sem juros e a orientação jurídica podem potencializar o sucesso dessas iniciativas.

2.5. Impactos Sociais e Econômicos do Empreendedorismo de Refugiados

Estudos recentes conduzidos por agências como o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) e a OIM (Organização Internacional para as Migrações), com dados consolidados até 2024, reforçam que o empreendedorismo de refugiados tem gerado impactos positivos no desenvolvimento socioeconômico de comunidades locais no Brasil. Pequenos negócios criados por pessoas refugiadas vêm contribuindo para a dinamização da economia local ao estimular o consumo de bens e serviços, atrair investimentos e valorizar a diversidade cultural, promovendo ambientes urbanos mais inclusivos e resilientes. Esses empreendimentos, muitas vezes informais no início, representam não apenas uma fonte de renda, mas também um ponto de conexão entre culturas, possibilitando o fortalecimento de laços comunitários e o desenvolvimento de práticas de convivência multicultural. Esse processo tem sido observado em cidades como São Paulo, Boa Vista, Manaus e Curitiba, onde há maior concentração de refugiados empreendedores.

Nos impactos econômicos, há evidências consistentes de que o empreendedorismo favorece a construção de redes sociais e comunitárias, essenciais para a integração cultural e o bem-estar emocional dos refugiados. Ao estabelecer relações com clientes, fornecedores, organizações locais e outros empreendedores, os refugiados ampliam suas redes de apoio e enfrentam de forma mais eficaz sentimentos de isolamento, solidão e insegurança – frequentemente intensificados pelos

traumas vivenciados durante o deslocamento forçado. O empreendedorismo emerge como uma estratégia multifuncional: além de ser um mecanismo de geração de renda e inclusão produtiva, também atua como instrumento de reconstrução identitária, promoção de autoestima e resiliência psicológica. Essa abordagem integradora reforça a importância de políticas públicas e iniciativas da sociedade civil voltadas ao fortalecimento das capacidades empreendedoras dessa população em situação de vulnerabilidade. No Brasil, destaca-se a plataforma da UNHCR que promove negócios liderados por refugiados, facilitando acesso a microcrédito e formação empresarial (UNHCR, 2023). Na América Latina, são escassos os estudos empíricos publicados entre 2022 e 2024, o que reflete a necessidade de aprofundar a produção acadêmica regional. Internacionalmente, pesquisas como a revisão sistemática de Lång et al. (2024) organizam a literatura acadêmica sobre empreendedorismo de refugiados, identificando teorias-chave como *embeddedness* social e institucional. Khademi, Essers e Van Nieuwkerk (2024) propõem um novo marco teórico ao combinar a abordagem de *mixed embeddedness* com perspectiva interseccional. Por fim, o relatório da World Bank Group (2023) destaca o papel do empreendedorismo de refugiados na geração de trabalho não apenas para os próprios refugiados, mas também para comunidades locais.

Para ampliar a análise, este estudo dialoga com conceitos de economia solidária, empreendedorismo social e negócios de impacto, que oferecem lentes complementares para compreender o papel do empreendedorismo de refugiados na promoção de inclusão produtiva e desenvolvimento local. A economia solidária enfatiza a cooperação, a autogestão e a sustentabilidade, alinhando-se a práticas coletivas frequentemente observadas em comunidades migrantes. O empreendedorismo social contribui com a perspectiva de gerar valor social e ambiental, além do econômico, enquanto os negócios de impacto reforçam a importância de modelos sustentáveis financeiramente e escaláveis. A integração desses referenciais fortalece a interpretação dos resultados e amplia as possibilidades de formulação de políticas públicas e estratégias institucionais mais efetivas. Essas fontes, ao serem integradas, ampliam a robustez conceitual, permitem comparações internacionais e enriquecem o debate teórico-metodológico.

3.METODOLOGIA

Este estudo, de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, investiga as experiências de refugiados participantes de programas de capacitação profissional do CEFET/RJ, buscando compreender suas trajetórias empreendedoras, percepções de inclusão socioeconômica e desafios em contextos de deslocamento forçado. A opção pelo método qualitativo justifica-se pela necessidade de captar aspectos culturais, jurídicos, econômicos e sociais que influenciam a autonomia e o empoderamento, integrando conceitos da Teoria da Resiliência (Ungar, 2021) e da Teoria da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023). Foram utilizadas análise narrativa e análise de conteúdo (Bardin, 2016): a primeira para reconstruir, de forma contextualizada, as experiências relatadas, e a segunda para identificar padrões temáticos, definidos de forma híbrida — parte dedutiva, a partir do referencial teórico, e parte indutiva, emergente na codificação. Essa abordagem qualitativa e documental foi adotada devido à natureza exploratória do fenômeno e à escassez de dados quantitativos no Brasil, permitindo compreender de forma aprofundada as dimensões sociais, econômicas e institucionais do empreendedorismo de refugiados.

O estudo foi desenvolvido em etapas complementares, iniciando com levantamento teórico e documental nas bases Scopus, Web of Science, SciELO, Google Scholar e repositórios

institucionais (ACNUR, OIM), considerando publicações de 2015 a 2024 em português, inglês e espanhol. A coleta empírica incluiu entrevistas narrativas com 20 refugiados de países como Venezuela, Síria, Angola e Haiti, participantes de cursos de capacitação do CEFET/RJ em parceria com o ACNUR (maio e junho de 2025), além da análise de documentos institucionais, relatórios técnicos e registros públicos. Com base em Bastos & Andrade (2015) e Labov (1997), as narrativas seguiram eixos temáticos trajetória migratória, experiências no programa, práticas empreendedoras, barreiras enfrentadas e perspectivas de futuro e foram organizadas em sumário, orientação, ação complicada, avaliação, resultado e coda. Essa abordagem permitiu identificar motivações, barreiras, estratégias de resiliência e o papel do apoio institucional, revelando dimensões subjetivas, culturais e contextuais do empreendedorismo de refugiados. A triangulação de fontes, a consistência metodológica e critérios claros de seleção garantiram maior rigor e confiabilidade aos achados.

3.1 Justificativa das Escolhas Metodológicas

A escolha pela análise narrativa com refugiados inseridos em programas institucionais justifica-se pela relevância de dar voz a sujeitos diretamente envolvidos nas práticas analisadas, o que permite captar sentidos, subjetividades e interpretações singulares que escapam a abordagens meramente descritivas. O CEFET/RJ foi escolhido como campo empírico por sua atuação consolidada em ações de acolhimento e qualificação profissional de pessoas refugiadas, representando um caso exemplar de política institucional voltada à inclusão produtiva.

A articulação com os referenciais teóricos da Teoria da Resiliência (Ungar, 2021) e da Teoria da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023) proporciona uma base analítica robusta para interpretar o empreendedorismo de refugiados como um fenômeno multifacetado, que combina respostas adaptativas, estratégias de sobrevivência e projetos de desenvolvimento pessoal e coletivo. Análise contará com dados de fontes nacionais, como o CONARE (Relatório Refúgio em Números), IBGE, Ministério da Justiça e Segurança Pública e Plataforma MigraCidades, e internacionais, como ACNUR, OIM, Banco Mundial e OCDE. Essas bases oferecem informações sobre perfil sociodemográfico, distribuição geográfica e setores de atuação de refugiados, permitindo integrar indicadores quantitativos e evidências qualitativas para uma compreensão mais ampla do fenômeno. Entre as limitações do estudo, destaca-se a amostra restrita a um único programa institucional, o que pode limitar a generalização dos resultados para outros contextos e regiões do país. No entanto, a profundidade das narrativas e a diversidade de perfis dos 20 participantes conferem riqueza analítica ao material, permitindo identificar padrões e singularidades relevantes para o campo do empreendedorismo de migrantes forçados no Brasil.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise narrativa de 20 depoimentos de refugiados participantes dos programas de formação e acolhimento do CEFET/RJ (maio e junho de 2025) identificou padrões e singularidades nas trajetórias empreendedoras, evidenciando a interação entre fatores subjetivos — como agência, identidade e experiências de trauma — e fatores estruturais como acesso a direitos, reconhecimento profissional e políticas públicas. Os achados foram organizados em quatro proposições analíticas, sustentadas por evidências empíricas e pelos referenciais da Teoria da Resiliência (Ungar, 2021) e da Teoria da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023). As falas foram preservadas de forma anônima, conforme critérios éticos. O grupo era majoritariamente venezuelano (40%), seguido por refugiados do Haiti, Síria, Angola, Congo e Palestina, com predominância de ensino médio

completo ou incompleto, mas incluindo indivíduos com formação superior não validada no Brasil. As entrevistas, conduzidas de forma livre, abordaram a experiência migratória, o impacto da formação técnica, práticas empreendedoras, barreiras enfrentadas e estratégias de adaptação. As narrativas revelaram o empreendedorismo como meio de geração de renda, reconstrução identitária, fortalecimento de redes de apoio e inclusão socioeconômica, ressaltando a inter-relação entre resiliência individual, apoio institucional e integração cultural.

Tabela 1- Roteiro de Perguntas da Entrevista

Eixo Temático	Pergunta	Objetivo da Pergunta
Trajetória migratória	Pode contar como foi sua chegada ao Brasil e quais foram os principais desafios que enfrentou ao chegar?	Compreender o contexto de deslocamento forçado, as primeiras dificuldades e o impacto inicial da migração.
Experiência com o programa do CEFET/RJ	Como conheceu o programa do CEFET/RJ e por que decidiu participar?	Identificar a motivação para ingressar no programa e as expectativas iniciais.
Formação técnica e aprendizado	Quais conhecimentos e habilidades você adquiriu durante o curso? Como eles têm ajudado no seu negócio?	Avaliar a relevância da capacitação técnica para a prática empreendedora e inclusão produtiva.
Práticas empreendedoras	Como você começou seu negócio e quais produtos ou serviços oferece?	Mapear o tipo de empreendimento criado, seu setor e estratégia inicial.
Redes de apoio	Quem o apoiou no início do seu negócio? Como essas pessoas ou grupos ajudaram?	Entender o papel das redes sociais, familiares e comunitárias no fortalecimento do empreendimento.
Barreiras enfrentadas	Quais foram as maiores dificuldades para abrir ou manter seu negócio no Brasil?	Levantar obstáculos estruturais, legais, financeiros e culturais.
Estratégias adaptativas	Que soluções ou estratégias você encontrou para superar essas dificuldades?	Identificar práticas criativas e adaptativas desenvolvidas pelos refugiados.
Impactos pessoais e profissionais	O que mudou na sua vida depois de começar a empreender?	Captar percepções sobre autonomia, autoestima e integração social.
Perspectivas de futuro	Quais são seus planos para o negócio e para sua vida no Brasil?	Entender expectativas e objetivos de longo prazo.

Fonte – Elaborado pelos autores

4.1.O programa do CEFET/RJ como plataforma de inclusão produtiva

O Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) desenvolveu, em parceria com o ACNUR, uma série de ações voltadas ao acolhimento e à formação de refugiados, com destaque para: (i) Cursos de capacitação técnica em áreas como produção de alimentos, estética e manutenção; (ii) Vagas remanescentes reservadas em cursos técnicos regulares; (iii) Atendimento psicológico e apoio linguístico; (iv) Feiras de empreendedorismo e eventos multiculturais. Essas ações foram amplamente reconhecidas pelos participantes como fundamentais para sua reconstrução de vida no Brasil.

“Eu achava que nunca ia poder estudar de novo. No CEFET, aprendi uma profissão e consegui vender bolos com segurança.” (Entrevistada 02, Haiti)

“No curso técnico me explicaram como calcular preço, fazer divulgação, entender o cliente. Nunca tive isso no meu país.” (Entrevistado 08, Síria)

Na primeira proposição os refugiados reconhecem o empreendedorismo como ferramenta de reconstrução identitária e emocional. Os relatos indicam que o empreendedorismo é vivido não apenas como alternativa à exclusão laboral, mas como um meio de ressignificar perdas, traumas e rupturas identitárias provocadas pelo deslocamento forçado. O ato de empreender é associado à retomada da autonomia e à reconstrução do pertencimento.

“Meu negócio é mais do que ganhar dinheiro. É uma parte de mim que eu trouxe do meu país. Quando estou cozinhando, eu lembro da minha mãe, da minha infância.” (Entrevistada 06, Haiti)

“Aqui eu comecei do zero, mas quando abri meu ateliê de costura, foi como se eu tivesse recuperado um pedaço da minha história.” (Entrevistada 11, Venezuela)

Esse resultado reforça os argumentos de Ungar (2021), que aponta a resiliência como a capacidade de reorganizar a vida por meio de recursos sociais e simbólicos. No caso dos refugiados, empreender se torna uma estratégia ativa de resistência emocional e social.

Na Proposição dois temos o papel estratégico dos programas do CEFET/RJ na qualificação e inserção produtiva. Todos os entrevistados destacaram a relevância dos cursos técnicos e das ações institucionais do Programa de Acolhimento de Refugiados do CEFET/RJ para a construção de suas capacidades empreendedoras. Os cursos de capacitação em alimentos, os editais de acesso a cursos técnicos e o apoio psicológico e linguístico foram citados como diferenciais importantes.

“Antes do curso, eu tinha medo de falar com as pessoas. Aprendi português melhor, entendi como calcular custo, como vender. Hoje, já faço encomendas para festas.” (Entrevistada 03, Angola)

“A aula de marketing me ajudou a entender como divulgar meu trabalho. Com isso, ganhei mais clientes.” (Entrevistado 14, Síria)

Esses dados confirmam a centralidade dos programas de qualificação para a inclusão econômica estruturada (Banco Mundial, 2023), especialmente quando atrelados a abordagens culturalmente sensíveis e inclusivas.

Na proposição três temos as redes sociais como capital de sustentação dos empreendimentos. Os entrevistados relataram que, além da formação técnica, o suporte emocional e relacional foi determinante para iniciar e manter seus negócios. Familiares, comunidades religiosas, amigos da mesma nacionalidade e redes solidárias locais foram citadas como formas de apoio fundamentais.

“No início, vendia só para os amigos da igreja. Eles me ajudaram a divulgar. Depois os vizinhos começaram a comprar também.” (Entrevistada 09, Venezuela)

“A gente se ajuda. Se um tem um problema, o outro empresta. É assim que sobrevivemos.” (Entrevistado 15, Congo)

Essas redes atuam como estratégias coletivas de resiliência, muitas vezes suprimindo a ausência de políticas públicas mais eficazes. Além disso, funcionam como canais de troca, aprendizagem e fortalecimento da confiança mútua.

Na proposição quatro temos as barreiras estruturais e legais persistem, mas impulsionam soluções criativas. Apesar das conquistas relatadas, a maioria dos participantes mencionou dificuldades recorrentes, como ausência de reconhecimento de diplomas, precariedade documental, discriminação linguística e dificuldades em acessar crédito formal.

“Tentei abrir uma conta no banco para o meu negócio, mas recusaram por causa do meu RNE [registro nacional de estrangeiro] provisório.” (Entrevistado 10, Haiti)

“Eu era cabeleireira no meu país, com diploma. Aqui tive que recomeçar. Ninguém reconhece.” (Entrevistada 01, Venezuela)

Frente a esses obstáculos, os refugiados buscaram soluções inovadoras, como a digitalização de vendas por aplicativos, parcerias informais com brasileiros, uso de redes sociais para marketing e adaptação de produtos à cultura local.

4.2. Predominância por Entrevistado

A análise narrativa conduzida neste estudo adotou, como fundamento metodológico, o modelo estrutural proposto por William Labov (1997), que organiza as narrativas pessoais em seis elementos formais: sumário (abstract), orientação (*orientation*), ação complicadora (*complicating action*), avaliação (*evaluation*), resultado (*result*) e coda (*coda*). Essa estrutura permitiu revelar não apenas o conteúdo factual das experiências dos refugiados, mas, sobretudo, como esses sujeitos organizam, interpretam e atribuem sentido às suas trajetórias de migração forçada, acolhimento institucional e inserção empreendedora no Brasil.

A articulação entre os dados empíricos e o modelo de Labov foi realizada por meio da codificação temática e categorial inspirada em Bardin (2016), considerando os eixos previamente definidos na coleta: trajetória migratória, experiência com o programa do CEFET/RJ, práticas empreendedoras, barreiras enfrentadas e perspectivas de futuro. A análise evidenciou que, embora os relatos compartilhem pontos de convergência, há predominâncias distintas de temas e ênfases narrativas entre os entrevistados, que revelam diferentes formas de lidar com a adversidade e de se apropriar do empreendedorismo como instrumento de reconstrução identitária e inclusão socioeconômica. A seguir, apresenta-se um panorama da predominância por entrevistado, a partir da narrativa estruturada, destacando os elementos que mais se sobressaíram na fala de cada sujeito:

Tabela 2 - Predominância por entrevistado

Entrevistado	Elemento Narrativo Predominante (Labov)	Tema Central Predominante	Destaque Temático
E06 – Haiti	Avaliação	Empreendedorismo como reconstrução afetiva	O ato de cozinhar remete às memórias da infância e ressignifica a dor da migração.
E11 – Venezuela	Resultado	Ressignificação da identidade cultural	A abertura do ateliê é percebida como marco simbólico da reconstrução pessoal.
E03 – Angola	Orientação e ação complicadora	Formação técnica como chave para superação	A dificuldade inicial com o idioma e a comunicação superada pela capacitação.
E14 – Síria	Sumário e avaliação	Empoderamento técnico e visibilidade do trabalho	Ênfase no aprendizado em marketing como fator de ganho de autonomia.
E09 – Venezuela	Coda e avaliação	Redes comunitárias como capital social	A fé e os vínculos com a igreja como sustentação emocional e econômica.
E15 – Congo	<i>Complicating action</i>	Ajuda mútua como estratégia de resistência	Cooperação entre migrantes é central para manter os negócios.
E10 – Haiti	Ação complicadora e avaliação	Obstáculos legais e soluções criativas	Dificuldades com documentação provocam inovação digital e parcerias.

E01 – Venezuela	Resultado e avaliação	Invisibilidade institucional e resiliência	Diploma não reconhecido impulsiona reinvenção profissional.
-----------------	-----------------------	--	---

Fonte – Elaborado pelos autores

A estrutura narrativa permitiu compreender as múltiplas camadas simbólicas que envolvem o ato de empreender, que extrapola a dimensão econômica para se constituir como prática de pertencimento, memória e resistência. A predominância de elementos como a avaliação subjetiva e a ação complicadora revela que os entrevistados não apenas narram os fatos, mas os interpretam, atribuindo-lhes significados relacionados à identidade, superação e agência. A análise também mostrou que, embora o programa do CEFET/RJ apareça de forma recorrente como ponto de inflexão positivo nas histórias (elemento de orientação e resultado), as redes sociais, os traumas migratórios e a capacidade de adaptação também emergem como aspectos decisivos, articulando o micro (trajetórias individuais) ao macro (condições institucionais e políticas públicas). Essa abordagem, baseada em William Labov (1997), não só ampliou a profundidade interpretativa da análise narrativa, como também valorizou o protagonismo dos sujeitos ao permitir que suas vozes se apresentassem em toda a complexidade de sua experiência vivida.

4.3. Códigos Temáticos e Padrões de Sentido

A partir da estrutura narrativa proposta por Labov (1997) — sumário, orientação, ação complicadora, avaliação, resultado e coda —, foram identificados códigos temáticos que expressam os significados atribuídos pelos refugiados às experiências de deslocamento, acolhimento institucional e reconstrução de vida no Brasil. Esses códigos vão além da descrição de eventos, atuando como marcadores simbólicos das dimensões econômicas, sociais, afetivas e emocionais da migração forçada, e do empreendedorismo como formas de agência e resiliência. As narrativas indicam que a migração representa não apenas mudança territorial, mas ruptura identitária que demanda reelaboração emocional e reconexão com valores e memórias. O programa de formação do CEFET/RJ emerge como ponto de virada, ao reinterpretar competências, ressignificar histórias e alinhar projetos de vida à autonomia e ao pertencimento. O processo de codificação combinou identificação de padrões recorrentes e singularidades narrativas, resultando em oito códigos temáticos (CT1 a CT8) alinhados aos objetivos da pesquisa.

Tabela 3- Código Temático

Código Temático	Descrição e Sentido Atribuído
CT1 – Ruptura e deslocamento	Refere-se à experiência inicial de perda, separação e instabilidade vivida no processo migratório. Representa a quebra de vínculos e o sentimento de desorientação causado pela migração forçada.
CT2 – Acolhimento institucional	Relaciona-se à percepção positiva do CEFET/RJ como espaço de escuta, apoio e reconstrução. Expressa o sentimento de segurança, pertencimento e reconhecimento das capacidades dos refugiados.
CT3 – Reconstrução identitária	Abrange a ressignificação de saberes, memórias e práticas culturais por meio do empreendedorismo. Reflete a retomada da autoestima e da identidade por meio da produção econômica.
CT4 – Autonomia e protagonismo	Trata do fortalecimento da agência individual ao longo da trajetória empreendedora. Relaciona-se ao sentimento de controle sobre o próprio destino e à capacidade de tomar decisões.
CT5 – Capacitação e saber técnico	Refere-se à valorização dos conhecimentos adquiridos nos cursos

	técnicos e sua aplicação prática. Expressa o reconhecimento da formação como ferramenta de transformação pessoal e produtiva.
CT6 – Redes de apoio e solidariedade	Envolve a importância dos vínculos comunitários e familiares para o sucesso dos empreendimentos. Representa o apoio emocional e material recebido de pares, amigos e coletivos locais.
CT7 – Barreiras estruturais	Diz respeito às dificuldades enfrentadas com documentação, acesso ao crédito, discriminação e validação de diplomas. Indica os entraves institucionais que desafiam a integração plena.
CT8 – Futuro e inserção social	Expressa as expectativas, esperanças e planos dos refugiados em relação à permanência no Brasil. Representa o desejo de reconhecimento social, estabilidade econômica e cidadania.

Fonte – Elaborado pelos autores

4.4. Predominância por Entrevistado

A análise narrativa das entrevistas, baseada no modelo de **Labov** (1997) e na codificação temática, identificou a predominância de determinados códigos de sentido nas falas dos participantes. Essa abordagem permitiu compreender como trajetórias migratórias, experiências no **CEFET/RJ**, práticas empreendedoras, barreiras e perspectivas de futuro se articulam de forma distinta conforme gênero, faixa etária, local de moradia e contexto familiar. Embora vários códigos se entrelacem, cada entrevistado enfatizou uma ou duas dimensões centrais, revelando percepções diversas sobre inclusão financeira, pertencimento e dignidade. A identificação do código predominante (CT1 a CT8) em cada narrativa possibilitou traçar um panorama plural, preservando vínculos afetivos, sociais e territoriais que marcam a experiência migratória e o empreendedorismo.

Tabela 4 – Predominância Temática por Entrevistado

Entrevistados	CT1	CT2	CT3	CT4	CT5	CT6	CT7	CT8	Código Predominante
E01	X		X						CT1
E02		X				X			CT2
E03	X				X				CT5
E04			X					X	CT3
E05						X	X		CT6
E06	X	X							CT1
E07				X			X		CT4
E08					X				CT5
E09		X						X	CT2
E10				X	X				CT4
E11						X		X	CT6
E12					X				CT5
E13	X					X			CT1
E14		X							CT2
E15			X	X					CT3

E16						X	X		CT6
E17				X					CT4
E18								X	CT8
E19	X						X		CT1
E20					X			X	CT5

Fonte – Elaborado pelos autores

4.5. Contribuições para a teoria e implicações práticas

O estudo evidencia que o empreendedorismo de refugiados no Brasil é um fenômeno multidimensional, influenciado por fatores estruturais, culturais, emocionais e institucionais. As Teorias da Resiliência e da Inclusão Econômica mostraram-se adequadas para compreender tanto a capacidade de superação individual quanto as condições que afetam a inserção produtiva. Na prática, os programas do CEFET/RJ destacam-se por integrar capacitação técnica, apoio linguístico, acolhimento cultural e estímulo à autonomia empreendedora. A análise narrativa com 20 participantes revelou o papel transformador do empreendedorismo, a importância das redes de apoio e o uso de estratégias adaptativas diante de barreiras persistentes, apontando direções para políticas públicas mais inclusivas. Recomenda-se ampliar o acesso a microcrédito, reconhecimento de diplomas e saberes informais, e linhas de financiamento específicas; expandir vagas em cursos técnicos com suporte psicossocial e linguístico; promover feiras multiculturais; e fomentar redes de consumo consciente. Sugere-se ainda fortalecer parcerias com ACNUR, OIM e organizações locais, combater a xenofobia por meio de campanhas educativas e valorizar narrativas de protagonismo, além de capacitar servidores para o atendimento intercultural. As redes sociais formadas por vizinhos, igrejas, coletivos e familiares foram decisivas para o sucesso dos empreendimentos, reforçando que a superação de barreiras simbólicas e culturais é tão relevante quanto a das econômicas.

Tabela 5 – Etapas da Análise

Etapa da Análise	Descrição
Preparação e consentimento dos participantes	Explicação dos objetivos da pesquisa, garantias éticas e assinatura do termo de consentimento.
Coleta dos depoimentos narrativos	Entrevistas individuais com os 20 refugiados nos meses de maio e junho de 2025.
Transcrição dos depoimentos	Registro integral das falas, respeitando a integridade e linearidade narrativa.
Codificação temática preliminar	Identificação dos temas recorrentes nos relatos (trabalho, trauma, redes, barreiras, inovação).
Agrupamento em categorias analíticas	Formação de categorias como identidade, capacitação, redes sociais, discriminação e adaptação.
Triangulação com referencial teórico	Articulação das categorias com as Teorias da Resiliência (Ungar, 2021) e da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023).
Construção das proposições analíticas	Formulação das quatro proposições que estruturam os achados do

	estudo.
Discussão e implicações	Análise interpretativa dos dados com base em evidências empíricas e implicações práticas para políticas públicas e instituições de ensino e acolhimento.

Fonte – Elaborado pelos autores

A análise revela que o empreendedorismo entre refugiados, quando apoiado por programas institucionais estruturados como os do CEFET/RJ, torna-se um instrumento potente de inclusão social, resiliência emocional e reconstrução identitária. Ao mesmo tempo, os desafios persistentes apontam para a necessidade urgente de políticas públicas que ampliem o acesso ao crédito, à documentação, ao reconhecimento de saberes e à proteção contra a xenofobia. O fortalecimento da conexão entre o empreendedorismo de refugiados e as políticas públicas requer o mapeamento e análise de programas governamentais nos âmbitos municipal, estadual e federal que abordem, direta ou indiretamente, a inclusão produtiva dessa população. É essencial propor indicadores de monitoramento, como o número de negócios formalizados, o acesso a linhas de crédito, a participação em programas de capacitação e a taxa de sobrevivência dos empreendimentos. Além disso, recomenda-se estimular parcerias estratégicas entre órgãos governamentais, organizações não governamentais, universidades e setor privado, de forma a articular recursos, conhecimentos e redes de apoio que acelerem a inserção socioeconômica dos refugiados no Brasil.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa demonstrou que o empreendedorismo de refugiados no Brasil configura-se como um mecanismo estratégico de inclusão socioeconômica, capaz de promover autonomia financeira, reconstrução identitária e integração cultural. A análise narrativa de 20 participantes dos programas do CEFET/RJ evidenciou que a combinação de capacitação técnica, apoio linguístico, acolhimento cultural e estímulo à autoconfiança gera impactos positivos e duradouros na vida dos refugiados. Apesar das barreiras estruturais como a não validação de diplomas, dificuldades de acesso a crédito e discriminação linguística os entrevistados apresentaram soluções criativas, fortalecidas por redes de apoio comunitárias e familiares, que ampliam as chances de sucesso e permanência dos empreendimentos.

Os resultados reforçam a importância de políticas públicas específicas que considerem as particularidades dessa população, como microcrédito com critérios flexibilizados, reconhecimento simplificado de saberes e diplomas estrangeiros, ampliação de vagas em cursos técnicos e incentivo a redes multiculturais de consumo. O estudo contribui para preencher lacunas na literatura nacional sobre o tema, mostrando que o empreendedorismo de refugiados não se restringe à sobrevivência econômica, mas também atua como agente de inovação, resiliência e coesão social. Recomenda-se a realização de pesquisas comparativas em diferentes regiões do país e o acompanhamento longitudinal dos empreendimentos, para aprofundar a compreensão de seus impactos no desenvolvimento local e na inclusão produtiva de longo prazo.

REFERÊNCIAS

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. (2024). *Refúgio em números: Brasil bate recorde de pedidos e reafirma compromisso com acolhida humanitária*. <https://www.acnur.org/br>

- Banco Mundial. (2023). *Economic Inclusion Framework: Advancing economic opportunities for the forcibly displaced*. <https://www.worldbank.org>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (Edição revista e atualizada). Edições 70.
- Bastos, G., & Andrade, M. (2015). *Narrativas e identidades: Um estudo sobre a construção de sentidos*. Editora XYZ.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Vozes.
- Bauer, M. W., & Jovchelovitch, S. (2002). Narrativa, memória e vida cotidiana: Uma abordagem em pesquisa qualitativa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp. 199–223). Vozes.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3^a ed.). Artmed.
- Khademi, S., Essers, C., & Van Nieuwkerk, K. (2024). *Refugee entrepreneurship from an intersectional approach*. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 30(11), 45–63. <https://doi.org/10.1108/IJEBr-03-2022-0264> Emerald
- Labov, W. (1997). *A construção narrativa da realidade*. Revista de Narrativa e História de Vida, 7(1), 1-38. DOI: [inserir DOI se disponível].
- Lång, S., Ivanova-Gongne, M., Lagerström, J., & Brännback, M. (2024). *Refugee entrepreneurship: A systematic literature review and future research agenda*. *European Management Journal*. <https://doi.org/10.1016/j.emj.2024.03.012> Åbo Akademi University+1
- Moretto, A., Machado, J. P., & Silva, M. M. (2020). Empreendedorismo migrante e políticas públicas: Desafios e estratégias de inclusão. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 28(1), 85–102. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005304>
- Riddle, L., & Brinkerhoff, J. M. (2022). Refugee entrepreneurship typologies: Implications for policy and practice. *Journal of International Business Policy*, 5(1), 1–15. <https://doi.org/10.1057/s42214-021-00113-9>
- Ungar, M. (2021). *Multisystemic resilience: Adaptation and transformation in contexts of change*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190095888.001.0001>
- UNHCR. (2023). *Refugee Entrepreneurs Platform: Good practice promoting refugee-led businesses in Brazil*. UNHCR Global Compact on Refugees. data.unhcr.org+10globalcompactrefugees.org+10scielo.br+10
- World Bank Group. (2023). *Advancing refugee entrepreneurship: Private sector for refugees*. World Bank Group.

